

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXV ENANCIB

GT 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento

GESTÃO DA INFORMAÇÃO SOB OLHAR FEMININO

INFORMATION MANAGEMENT FROM A FEMALE PERSPECTIVE

Tayssa Nobre Lobo - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp)
Campus de Marília

Maria de Fátima Oliveira Costa - Universidade Federal do Ceará (UFC)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: a Gestão da Informação envolve desde a produção até a disseminação da informação, sobretudo nas organizações, e tem o usuário como parte desse processo na oferta de serviços. Por isso, questiona-se: de que maneira o gênero, como uma categoria de análise que está intrínseca aos usuários, pode influenciar nas práticas de Gestão da Informação a fim de trazer possíveis melhorias na oferta de serviços? O objetivo geral é reforçar possíveis relações entre a informação e o gênero no processo de Gestão da Informação quanto à oferta de serviços. Para tal, possui dois objetivos específicos: a) abordar os aspectos da Gestão da Informação evidenciando o gênero como parte desse processo através da figura do usuário; e b) tratar o gênero como uma categoria que se relaciona à informação. Quanto à metodologia, é uma pesquisa bibliográfica, exploratória e qualitativa, no qual se utilizou da Base de Dados de Ciência em Informação como fonte principal, com textos entre 1999 e 2024, a partir dos termos “Gestão da Informação”, “Mulher” e “Usuário da Informação”. Como resultado, foi observada a possibilidade relacional entre os conceitos por meio de uma visão crítica, que ainda são trabalhadas separadamente na Ciência da Informação. Conclui-se na intenção de evidenciar o debate informacional na questão de gênero quanto se trata da oferta de serviços e na necessidade de realizar estudos que promovam discussões teóricas na literatura científica da área.

Palavras-chave: gestão da informação; usuário da informação; serviços; gênero; mulher.

Abstract: Information Management encompasses everything from the production to the dissemination of information, especially in organizations, and involves the user as part of this process in the provision of services. Therefore, the question is: How can gender, as a category of analysis intrinsic to users, influence Information Management practices to bring about potential improvements in service provision? The overall objective is to reinforce potential relationships between information and gender in the Information Management process regarding service provision. To this end, it has two specific objectives: a) to address aspects of Information Management, highlighting gender as part of this process through the figure of the user; and b) to treat gender as a category related to information. The methodology is exploratory, qualitative, and bibliographical research, using the Information Science Database as the primary source, with texts published between 1999 and 2024, based on the terms "Information Management," "Women," and "Information User." As a result, a critical perspective was used to observe the relational possibilities between these concepts, which are still considered separately in Information Science. The conclusion is that the intention is to highlight

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

the informational debate on gender in the provision of services and the need for studies that promote theoretical discussions in the scientific literature of this field.

Keywords: information management; information users; services; gender; woman.

1 INTRODUÇÃO

Cercada pelas mídias digitais, a transmissão da necessidade de informação para o mundo material encontra-se desde a demanda no cotidiano até o gerenciamento institucional. Diante disso, considerando que a busca pelo saber e a organização do conhecimento é inerente ao ser humano, envoltas das especificidades culturais e informacionais no contexto das sociedades, pode-se afirmar que o uso das ferramentas tecnológicas, sob influência dos fenômenos sociais, gera outras maneiras de expor e atender tais demandas de informação. Assim, entender que as diversidades constroem diferentes necessidades é um passo para uma tomada de consciência do sujeito em detrimento do fator informacional que o acompanha. É possível dizer que se alguém necessita de algo, há uma motivação por detrás dela e, com isto, também existe toda a trajetória e história que ela carrega. Campos e Paiva (2021) enfatizam nessa figura um protagonista pela capacidade de intervir na realidade, de se apropriar de informações a fim de identificar ideias, promover ações pela produção de significado e estimular o compartilhamento de informações.

Esses fatores podem ser considerados no momento de visualizar o usuário no fluxo que a informação percorre em uma instituição: sua concepção, organização e processamento, etapas da Gestão da Informação (GI) que, segundo Santos, Biaggi e Damiani (2019), a tornam um dos instrumentos que auxiliam nos cuidados relativos à informação. Dessa forma, tendo em vista que desde as dúvidas recorrentes do cotidiano até os procedimentos institucionais a persona do usuário está imbricada em todos, repensar a GI colocando esse sujeito em evidência é um ponto significativo para realçar sua função.

As diferenças individuais e as habilidades de cada um podem se refletir no desempenho e motivação das pessoas em suas atividades, podendo ou não contribuir para um processo inclusivo nas múltiplas faces da diversidade, isto porque o estigma social pode ser um fator que dificulta o acesso à informação e sua gestão (Campos; Pinho, 2018). É nesse sentido que o gênero é cogitado como uma categoria útil para análise dessa percepção, pois a informação atravessa o ser humano de maneira específica a depender do seu contexto de inserção e existência. Por isso, em virtude desse recorte, ele é analisado aqui pela visão do gênero feminino e sua relação com a informação. Reforçando esse aspecto, Côrtes (2024) traz

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

os estudos de gênero como um fenômeno informacional inegável no enfrentamento da discriminação e na busca pela equidade em apelo ao papel social da Ciência da Informação (CI) carrega, visto que ela é um elemento transformador de tais relações assimétricas.

Ao pensar o que está sendo demandado e, sobretudo, de quem vem essa demanda, colocar o gênero como categoria analítica pode dar voz a diferentes questões informacionais, pois pensar um serviço traz para si o pressuposto de que alguém precisa de algo ou expõe uma necessidade. A promoção de um olhar sobre o outro, sua identidade e seu papel na sociedade podem auxiliar a compreender a informação que perpassa por ele, visto que a existência de uma realidade de desigualdades pode influenciar em como algo é ofertado. Isto é, a mulher não é somente o gênero pelo qual performa, mas também usuária de um escopo de serviços que, assim como para os homens, são indissociáveis do contexto social.

Sendo assim, a partir desse pressuposto de pesquisa, questiona-se: De que maneira o gênero, como uma categoria de análise que está intrínseca aos usuários, pode influenciar nas práticas de Gestão da Informação a fim de trazer possíveis melhorias na oferta de serviços? Sendo assim, o objetivo geral está em reforçar possíveis relações entre a informação e o gênero no processo de Gestão da Informação quanto à oferta de serviços. Para tal, foram elencados dois objetivos específicos: a) abordar os aspectos da GI evidenciando o gênero como parte desse processo através da figura do usuário; e b) tratar o gênero como uma categoria que se relaciona à informação.

A partir disso, este trabalho¹ justifica-se pelo fator científico e social. Nessa perspectiva, Campos e Paiva (2021) refletem a importância dos usuários para implantação da GI nas organizações, visto que ainda há uma literatura escassa sobre o tema, enquanto Perez (2022) aponta que a lacuna existente de dados de gênero provém de termos masculinos universais em detrimento do que se entende por feminino, visto que a universalidade causa uma uniformização de tais informações, gerando uma sobreposição de grupos ao relegar as mulheres à margem. Isto se estende a diferentes campos da vida da mulher, seja no urbanismo, na política, trabalho ou, nesse caso, na oferta de serviços. Nesse sentido, pede-se licença ao usar desse embasamento para pensar na pessoa que está inserida em tal processo e na sua identidade externa à organização, tratando-as como indissociáveis.

¹ Este trabalho é um recorte da dissertação de mestrado da autora de modo a evidenciar as partes teóricas que embasaram esse processo na busca por subsidiar a questão de pesquisa e os objetivos tratados aqui.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

Assim, considerando a ementa deste Grupo de Trabalho (GT)² acerca dos fluxos, usos e usuários da informação como instrumentos de gestão e aporte para o início dessa discussão, a metodologia deste estudo é caracteriza-se por meio de uma pesquisa bibliográfica que, para Gil (2002), têm o intuito de aprimorar ideias sobre um tema e proporcionar maior familiaridade com problemas, o que se alinha ao objetivo exploratório do trabalho através da busca de materiais sobre o tema na Base de Dados de Ciência em Informação (Brapci) entre 1999 e 2024, a partir dos termos “Gestão da Informação”, “Mulher” e “Usuário da Informação”. Em continuidade, apresenta abordagem qualitativa ao responder questões particulares sobre um nível de realidade não quantificável, utilizando-se de um universo de significados, processos e fenômenos variáveis (Minayo, 2001). Por fim, trata-se de uma revisão de literatura por expor um parâmetro de um tema (Creswell, 2007).

2 O FATOR HUMANO NA GESTÃO DA INFORMAÇÃO: ASPECTOS CONCEITUAIS

A informação pode ser guiada e guiar diversos processos na sociedade conforme o contexto e o olhar para quem ela é direcionada. Das menores consequências aos maiores conflitos, permeia o fazer da cidadania, influenciando a vida do ser humano. Por este pressuposto e pelo contexto explicitado inicialmente, quando um dos serviços que possuem a informação como parâmetro principal é afetado pelas dinâmicas sociais, tecnológicas ou naturais, a sociedade padece não somente pela ausência de informações sobre um assunto, mas também na forma como ela é gerenciada em função de sua quantidade e qualidade.

Evidencia-se que as Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC) podem auxiliar nesse processo, aumentando o índice de otimização de um serviço quando alinhadas à importância de compreender a posição de quem está necessitando de informação. Para tal, a GI permite uma visão mais específica destes aspectos, haja vista que a quantidade de informações a serem geridas se referem a uma de suas características no apoio aos subsistemas que constituem uma organização. Logo, ela faz relação com uma atuação estratégica e as TDIC (Braga, 2000) na oferta de serviços que utilizam a informação como objeto para além de procedimentos de demanda generalizada, viabilizando outras maneiras de trabalhar com ela em sistemas integrados e interoperáveis. Sobre isso, Campos e Paiva

² Grupo de Trabalho 4 - Gestão da Informação e do Conhecimento: “[...] Estudos de fluxos, processos, usos e usuários da informação como instrumentos de gestão” (Ancib, 2025).

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

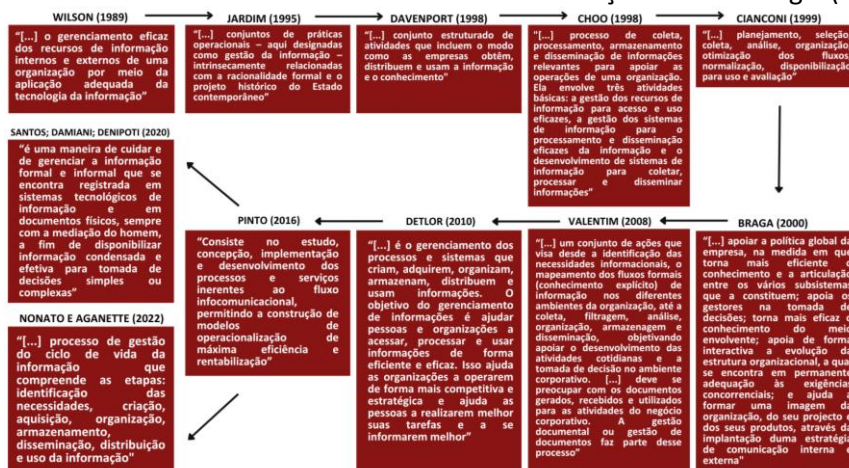
(2021) reforçam que a instituição precisa proporcionar recursos de infraestrutura e tecnologia necessários para que os usuários tenham condições de possibilitar tais processos.

Esse debate foi observado pela Ciência da Informação (CI) e participou do seu crescimento como área. Sob a luz da sua criação, a intensidade na produção e dispersão da informação revelou estudos sobre os modos de racionalizar esse emaranhado de informacional. Essa priorização de atividades no acesso e gerenciamento foram ligadas “às ações de obter, tratar, interpretar e utilizar a informação da melhor forma, com menor custo e melhor qualidade possível até chegar na GI” (Monteiro; Duarte, 2018, p. 1). Logo, é possível dizer que existem características predominantes do paradigma físico na ascensão da GI para lidar com problemas internos organizacionais, otimizar atendimentos, aderir indicadores de qualidade e identificar demandas. Conforme Buckland (1997), já no século XIX havia uma preocupação com o aumento de publicações na literatura científica e técnica para lidar com tais demandas. Com isso, a eficácia na criação, disseminação e utilização do conhecimento registrado era uma eminente necessidade. Tendo isso em vista, a GI

apoiar os gestores na tomada de decisões; torna mais eficaz o conhecimento do meio envolvente; apoia de forma interativa a evolução da estrutura organizacional, a qual se encontra em permanente adequação às exigências concorrenciais; e ajuda a formar uma imagem da organização, do seu projecto e dos seus produtos [...] (Braga, 2000, p. 4).

Assim, a GI tem sua origem nos estudos de uso, organização, gestão e utilização de documentos, tanto na Biblioteconomia quanto na Documentação e CI, inspirada em campos que se relacionavam sob uma perspectiva de disseminação e circulação. Esta reflexão se diferencia a depender dos conceitos que se tem da GI e dos modelos propostos (Figura 1):

Figura 1 - Breve recorte dos conceitos de Gestão da Informação em cronologia (1989 - 2022)



Fonte: Adaptado de Lobo (2025)

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

Observa-se um enfoque maior no teor técnico da GI nos conceitos de Choo (1998), Davenport (1998), Jardim (1995) e Cianconi (1999) e Wilson (1989) através de termos como “gerenciamento”, “práticas operacionais”, “informações relevantes”, “sistemas de informação”, e “tecnologia da informação”. Isto não demonstra a exclusão do usuário nesse processo, todavia, também não o apresenta como uma possibilidade para tal, colocando a GI, em partes, como uma atividade destituída do sujeito. *A posteriori*, identificaram-se aspectos como a “tomada de decisão”, “conhecimento”, “estrutura organizacional”, “necessidades informacionais”, “estratégia”, “fluxo infocomunicacional”, “eficiência”, dentre outros termos que fornecem um caráter holístico - e humano - da GI nas organizações.

Com isso, pode-se afirmar que os estudos que envolvem a GI, de certo modo, se alinham ao caminhar da CI ao longo do tempo. Foi possível observar sua trajetória também em outras áreas, sobretudo na Documentação e Administração, o que viabilizou seu impacto no mercado de trabalho, refletindo em uma longa discussão e aprofundamento da GI sob outros olhares. O aumento dessa integração com a tecnologia, de acordo com Savic (1992), resultou em uma maior eficiência nos escritórios e aumentou os investimentos ativos em informação, hardware e software, incluindo o armazenamento analógico e eletrônico, o que gerou a migração de uma mentalidade empresarial para o uso das informações e suas dinâmicas. Isto é, se antes pensava-se a informação de maneira custodial, agora o foco estava em como a tecnologia iria armazená-la estrategicamente a fim de ser reutilizada.

Com o aumento da informação, sua disponibilidade representa uma sensação de sobrecarga, demonstrando implicações dúbias. Mesmo diante da possibilidade aberta pela revolução da imprensa, o uso dos computadores e das redes, há um hiato entre a disponibilização da informação e a capacidade de fazer seu uso efetivo (Barbosa, 2020), relacionando-se ao fato de que estes serviços podem estar inseridos em estruturas maiores. Isto caracteriza uma dinâmica do modo de vida secular que faz o usuário se distanciar da produção do conhecimento e estagnar como um receptor da informação em um processo que vai do pessoal ao profissional. Para Araújo (2014), o aspecto humano-social adquire um sentido mais amplo por compreender a ocorrência da informação, a ser um direito assegurado de forma acessível e confiável. Apesar da importância de ter a informação nesse processo, a capacidade de usá-la é um diferencial. Assim, quanto maior o grau de importância da informação para as necessidades de uma empresa, maior deve ser a rapidez do acesso a ela em quantidade e na forma como os dados a constituem (Braga, 2000).

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

Esta percepção vai ao encontro do pensamento de Tarapanoff (2006), em que a GI se torna necessária para a concepção de universalidade, democratização e oferta de serviços de qualidade para a população. É a existência dessa participação, direta ou indireta, que oportuniza um olhar voltado para o usuário, pois, de alguma forma, ele está inserido na GI, visto que a ideia de informação como uma ferramenta estratégica evoluiu ao passo que o foco dessa gestão também mudou. Pode-se dizer, também, que a alteração de tipologias documentais no tratamento de recursos ocorreu pelas transformações sociais e necessidades de cada época como uma melhoria dos serviços para evitar desperdícios e automatizar processos. Com seu crescimento no mercado de trabalho, tal pensamento encontrou seu caminho em organizações que, gradualmente, investiram em uma estrutura formal.

No caso das organizações, é necessário que tais debates sejam feitos a fim de compreender a necessidade dessa área para uma oferta eficaz de serviços. Tendo isso em vista, o uso da informação como um caminho estratégico para a gestão também se alinha à construção de um futuro que não somente a utiliza como um objeto, mas que a aproveita como um recurso de transformação social. Retornando à origem da GI na Documentação, para Buckland (1997) e Araújo (2014), o seu uso estava atrelado a grande necessidade de tratar todo o conhecimento produzido no tocante à explosão informacional daquele contexto. Hoje, a realidade diverge em poucos fatores desse intuito inicial pelo grande expoente de informações que, se não geridas atentamente, podem se perder em volume.

Um primeiro passo para não haver a perda considerável desse recurso é, na verdade, não ir contra sua aceleração - pois se entende que é um movimento natural do mundo neste ponto -, e considerar as necessidades desses usuários, aprofundando essa base da GI: entender para quem se destina a informação. Nas organizações, o fator da gestão reflete diretamente no fator humano. Pensar a GI para uma organização seguindo o ciclo de vida da informação implica no entendimento da circulação da informação. Por isso, Campos e Paiva (2021) ressaltam a importância dos usuários internos na implementação desse processo.

Assim, o ciclo informacional se faz presente quando há uma necessidade de informação, um problema a ser resolvido ou um critério a ser analisado, iniciando pela busca da solução de um problema ou da necessidade de se obter algo específico, pois perpassa pela identificação de quem gera o tipo de informação, as fontes a serem investigadas, seu acesso, seleção e aquisição, bem como sua recuperação, análise e disseminação. Todo esse

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

procedimento deve ser lembrado com o intuito de aumentar o conhecimento individual e coletivo sobre a obtenção de informações em uma instituição (Tarapanoff, 2006).

Dentre os outros elementos da GI, as necessidades de informação de seus usuários e dos sistemas e/ou serviços de informação, assim como os provedores que analisam as fontes, devem ser pensados a fim de realizarem esse processo de forma eficaz (Wilson, 2002). Considerando que as pessoas precisam de informação e cada uma constitui em si um universo de ideias, significados e interpretações, a busca por compreender uma fração desse mundo em movimento é o um passo para se chegar à gestão. Nessa perspectiva, utilizou-se do pensamento de Gomes (2018, p. 50-51) para o seguinte conceito de informação:

[...] é resultante e promotora da ação de compartilhamento, situando-se enquanto ação dependente da interação, por ser produzida, organizada, acessada e apropriada no processo de encontro com o outro, o que lhe dá um caráter autoritário. O outro que produz, o outro que organiza, disponibiliza, possibilita o acesso e uso, mas que também constrói e oferta dispositivos facilitadores do encontro e do debate com os outros [...].

Esse aspecto de troca, de aquele que produz também ser quem está disposto a receber a informação, bem como o processo ação-reação que envolve sua assimilação, reflete o caráter humano da informação e social da CI. Para Gomes (2018, p. 51), isso é resultado da ação humana de compartilhar, de ter algo em comum, de buscar o encontro com o outro e acabar por retomar uma ação por meio de uma reação, pois “o agir encontra-se na centralidade do protagonismo por exigir a tomada de posição”. No contexto organizacional, essa troca pode favorecer um avanço nas tomadas de decisões, por exemplo.

Logo, é preciso considerar os usuários como protagonistas da odisséia informacional, apesar das organizações ainda caminharem a passos graduais num protagonismo real. Ainda, essa retroalimentação informacional é proveniente de um processo ainda maior sobre os desígnios da ação do ser humano no mundo. Em virtude disso, compreende-se que “o conhecimento por não ser estático comprova a importância do usuário da informação na renovação e criação de novas estratégias” (Campos; Paiva, 2021, p. 66).

Ainda, exercem o protagonismo na resolução de problemas reais, atuando frente às dificuldades do bem comum nas organizações. São referenciados na criação e desenvolvimento de processos na infraestrutura e tecnologia, levando a cultura organizacional de uma instituição para caminhos estratégicos que estimulem os fluxos formais da GI que reconheçam o aspecto humano. Essa relação se entrelaça ao usuário em uma

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

parceria mútua quando o pensamento de que o conhecimento tem origem nas pessoas é retornado para o viés informacional (Campos; Paiva, 2021). Nesse sentido, a construção do conhecimento na GI em meio aos processos sociais possibilita conhecimentos por meio dos usuários, melhorando fluxos e serviços existentes. Uma organização precisa proporcionar recursos para tornar as condições favoráveis no desenvolvimento de competências na GI que não seja somente funcional, mas essencial (Campos; Paiva, 2021; Tarapanoff, 2006).

Decerto, para o gerenciamento desses fluxos, formais ou não, é necessária a integração de ações em virtude de prospectar, selecionar, filtrar, tratar e disseminar o arcabouço adquirido de informação. Mesmo que esse fluxo ocorra no ambiente externo à ela, o ponto central está em sua ocorrência na instituição. A busca pela organização de dados implica no desenvolvimento de atividades relacionadas à gestão da informação de forma planejada (Valentim, 2002). Não obstante, a gestão adequada dos fluxos informacionais nas organizações que regem os setores de serviços básicos da sociedade impacta em grandes dimensões no atendimento final ao cidadão com intermédio das TDIC.

Diante das discussões tratadas aqui, tanto o conceito de informação e suas propriedades intrínsecas ao fazer humano pessoal e profissionalmente foram apresentadas com o intuito de trazer outra visão sobre a GI. Um dos aspectos importantes para isso foi a compreensão de que, para a informação atingir o lugar do conhecimento, ela perpassa pelo entendimento humano. Contudo, ao pensá-la como um retorno da visão do ser humano sobre o mundo, abre-se a possibilidade de pensá-la para este sujeito e, portanto, na relação possível entre a informação e gênero, bem como a implicação deste duo sobre as mulheres.

3 SOBRE A PERSPECTIVA FEMININA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: RELAÇÕES POSSÍVEIS

No que se refere à Ciência da Informação (CI), há uma participação expressiva das mulheres, historicamente presentes na construção da área e na produção de conhecimentos, mas não imunes às discriminações (Côrtes, 2024). Acerca disso, Siciliano, Souza e Meth (2017) consideram que os estudos de gênero na CI se encontram em investigações sobre seu uso na área, tendo como parte do corpus de análise a produção científica brasileira a fim de fornecer um panorama das pesquisas. Contudo, as autoras compreendem a necessidade de abordar estudos de caráter qualitativo para um melhor entendimento do gênero.

Assim, abre-se espaço para discutir sobre sexo e o significado atribuído ao termo, remontando a transformação de uma ideia acerca dos estudos de gênero, que teve o próprio

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

sentido tornado literal para definir a relação social homem/mulher. Isto possibilitou a mudança gramatical em distinguir o masculino/feminino e a exploração do uso da palavra “gênero” como um sinônimo do agrupamento de diferentes características anatômicas e fisiológicas entre homens e mulheres. Essa dicotomia, portanto, perpetuou-se também de modo léxico, confrontada pelas variações presentes na história, bem como pelos papéis psicológicos e culturais das pessoas na sociedade, seus modos de vida, de relacionamento e exercício de poder (Bufrem; Nascimento, 2012). Com base nisso, Côrtes (2024, p. 30) pontua a necessidade de categorizar a Informação de Gênero, envolvendo:

planejamento, produção, disseminação, organização, recuperação, gestão, mediação e representação da informação, delineadas em arquivos, bibliotecas, museus e demais ambientes de informação, físicos e digitais, da geração de conhecimentos críticos, no que tange à desnaturalização e à subversão das hierarquias de gênero.

O conceito remete às práticas de resistência dos profissionais de informação e usuários, considerando as relações de poder que dinamizam as desigualdades vigentes, sobretudo quanto às mulheres. Ela pontua que as TDIC contribuem para tais informações chegarem a todos nos processos de acolhimento, inclusão e transformação social em prol da equidade e perspectiva feminista no campo informacional. Desse modo, Primo (2003) já apontava tais tecnologias como suporte para impulsionar o empoderamento socioeconômico e político das mulheres, muito embora este potencial só seja passível de se concretizar se as dimensões de gênero por meio das necessidades dos usuários, condições de acesso e marcos regulatórios sejam compreendidos. Sobretudo quando se diz respeito às barreiras impostas ao conhecimento, particularmente graves para as mulheres, os papéis e relacionamentos de gênero construídos socialmente “continuam sendo um elemento transversal na formação (e, neste caso, na limitação) da capacidade de mulheres e homens de participarem em igualdade de condições na Sociedade da Informação” (Primo, 2003, p. 9).

Desse modo, trata-se aqui o sentido da busca pela equidade de gênero feito por Giffin (2002) por meio da ideia de que as especificidades atribuídas às diferenças sexuais das mulheres possuem uma elaboração social que irradiam desde a questão reprodutiva até símbolos culturais, normas, instituições sociais, lei, dentre outros que reforçam essa diferenciação. Isso vai ao encontro da própria desconstrução do conhecimento como algo individual, mas sim, para Ketzer (2017), como algo inserido em uma dinâmica maior, pois a partir das práticas sociais na formação e aquisição de conhecimento é possível entender a

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

interação entre os sujeitos no mundo. Esta diferenciação carrega um caráter dinâmico por estar atribuída a multiplicidade das identidades e variedade sociocultural entre as relações.

Conforme Frederici (2023), essas identidades sociais não fixas nem devem ser tratadas como realidades infundadas e o gênero, como parte delas, é moldado pelas relações, sejam de classe ou decorrentes das lutas em sociedade, em que o conceito de mulher é algo variável e até ambíguo. Como uma identidade que está no centro de múltiplas adversidades com prescrições normativas opostas, não se pode entender o que é ser “mulher” de maneira distante de um pensamento histórico e transformador.

Numa perspectiva informacional, pensar o que é ser mulher perpassa pela maneira como ela vai lidar com a informação e, até mesmo, na maneira como esse objeto é construído para chegar até ela. Segundo Louro (2000), a informação que chega aos sujeitos concede que seus corpos se movimentam entre diferentes espaços, criando um ponto de encontro entre o que é transmitido e conforme interpretado por cada pessoa. Ao selecionar e analisar essas informações, o foco recai sobre o gênero feminino, uma vez que tanto as relações culturais quanto a própria informação carregam significados diversos que dependem da interpretação e de debate daqueles que discutem seus sentidos mediante o que se propõe. Nesse sentido, Côrtes (2024) reforça que abordar este termo em um campo de conhecimento lança luz sobre sua origem e fortalece os movimentos feministas.

A informação também está diretamente relacionada à liberdade e aos direitos civis, ao direito à informação de qualidade. Com isso, é possível dizer que as características de gênero apresentaram variações ao longo da história, referindo-se também aos modos de olhar a realidade da vida e compreender as formas que as relações se encontram no exercício do poder (Bufrem; Nascimento, 2012; Louro, 2000). Infere-se que, assim como todo o arcabouço que influencia o gênero na sociedade, as informações transitam por entre as linhas que fomentam cada percepção e as normas atuais, seja vanguardista ou conservadora.

Apesar de Robbins, Judge e Sobral (2010) afirmarem não existir diferenças consistentes entre homens e mulheres com relação às habilidades de resolver problemas de análise e aprendizagem ou sociabilidade, Olinto (2006) já mencionava sobre tais embates ao colocar à prova o impacto da Sociedade da Informação nas mudanças tecnológicas associadas à divisão de gênero. Ela ressalta o fator do mercado, no qual a cultura influencia a formação de valores, de ações e acesso a informações relativas às mulheres ao considerar “a relevância do uso da tecnologia de informação como um recurso para a mudança nas diferenças de

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

gênero e no aumento do poder das mulheres” (Olinto, 2006, p. 4). Isto é, o modo como se lida com as informações acompanha as mudanças sociais e tecnológicas, sendo uma relação de influência recíproca, auxiliando ou prejudicando a apropriação da informação via marcadores sociais, visto que, para Steinerová e Šušol (2007), as mulheres carregam competências verbais e um vocabulário múltiplo nas relações sintáticas.

De maneira emblemática, essa relação se dá de diferentes formas e, no contexto da oferta de serviço, Perez (2022) aponta para uma homogeneização dessas diferenças. A autora se refere a uma lacuna de dados de gênero como um termo preferencial, visto que o sexo não é uma razão pela qual as mulheres são excluídas dos dados, mas sim o gênero. Em suas palavras “O problema é o significado social que atribuímos a esse corpo e a determinação social que nos leva a não levá-lo em consideração” (Perez, 2022, p. 14), isto é, o problema não está no corpo feminino, mas no estigma relacionado ao que o gênero representa em sociedade e isto influencia o modo como os dados são contextualizados.

Se faz necessário, portanto, que seja possível identificar, separar e definir como o conhecimento pode ser aplicado individualmente através da criação de possibilidades no uso de ferramentas que proporcionem, de forma igualitária, a apropriação da informação. Nos ambientes informacionais e seus estudos, a perspectiva social deve ser fortalecida na CI de maneira dialógica e transformadora, consubstanciada pelas práticas informacionais e no estabelecimento de reflexões teórico-metodológicas da área. Isto posto, poderá se pensar no alargamento de discussões contra hegemônicas de gênero que se pautaram por meio da naturalização de hierarquias (Campos; Pinho Neto, 2018; Côrtes, 2024).

Aqui, adiciona-se a isso o modo como se percebe a apropriação da informação dos usuários, sobretudo quando relacionada a GI. É preciso considerar que o elemento humano está, em certo nível, inserido nesse caminho estratégico, viabilizando o fator gerencial sobre sua atuação, podendo ser visto antes, durante e depois desse processo. Essa perspectiva passa pela visão de gênero, pois, o olhar social reflete-se na informação e no modo com o usuário se apropria dela. Scott (1995) reforça que o gênero é um termo substituto para incluir a discussão sobre mulheres. Sobre isso, Perez (2022) enfatiza que supor a universalidade do masculino provém de uma relação de causa-consequência dessa lacuna de dados de gênero. Para tanto, a informação não somente dinamiza a gestão organizacional, como também o ato administrativo, influenciando quem está ali internamente e quem irá receber um serviço, visto que o usuário representa um recorte da realidade.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

Sobre isso, a universalidade do masculino provém de uma relação de causa-consequência dessa lacuna de dados de gênero, relegando parte da população a invisibilização (Perez, 2022). Para tanto, a informação não somente dinamiza a gestão organizacional, como também o ato administrativo, influenciando quem está ali internamente e quem irá receber um serviço dessa organização.

A invisibilização e/ou inferiorização das mulheres pode se dar em todas as etapas das estatísticas (planejamento, coleta e divulgação de dados), apresentando consequências quanto à definição de conceitos e classificações para estruturar pesquisas. Se os dados buscam representar a percepção da realidade conforme um aparato teórico-conceitual, esses mesmos também são estabelecidos por definições e classificações advindas de valores culturais dominantes. Em fase de coleta, por exemplo, a própria percepção dos agentes pode ser induzida a equívocos de informação, o que leva a subnotificação, gerando uma falsa inclusão ou nenhuma relevância estatística no que diz respeito às mulheres, como a utilização de conceitos rígidos de ocupação e desocupação na força de trabalho que pode vir a não abranger a realidade de mulheres com mais de uma jornada de trabalho, fazendo com que elas não sejam vistas na substancial contribuição para a renda familiar (Vieira, 2023).

Assim, é possível o uso gerencial da informação em dados de gênero para a oferta de serviços de forma exequível a fim de que ela seja pensada estratégica e socialmente para facilitar sua identificação e apropriação no cumprimento do modelo organizacional em prol de quem está do outro lado dessa relação. De igual modo, Steinerová e Šušol (2007) já traziam o gênero como uma variável que auxilia na melhoria das estruturas cognitivas e sociais do processamento humano de informações, baseando seus resultados para o subsídio do design de serviços e sistemas, bem como práticas de alfabetização informacional.

Considerando o pensamento de Scott (1995) de que o gênero fornece um meio de decodificar significados e conexões entre as relações humanas, pensar a informação num contexto de gestão, sobretudo com relação a oferta de serviços, reflete-se nos aspectos da GI. Sendo uma forma intangível quando se trata de organizações, ela é a precursora da Era da Informação e, por conta disso, deve-se atuar de tal forma para geri-lo de maneira correta e adequada em prol do avanço da CI. É nesse aspecto que ressalta-se o diagnóstico de que as mulheres estão sendo marginalizadas de uma revolução digital, conforme Follador (2021), o que exige a idealização de projetos de impacto social que transformem a vida dos sujeitos a partir dos ambientes que envolvem as relações do cotidiano e do trabalho.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Gestão da Informação se desenvolveu ao longo do tempo utilizando a informação explícita como objeto principal em seus fluxos e processos. Este trabalho partiu dessa perspectiva apresentada para nortear a reflexão que se seguiu baseada na questão de pesquisa e na definição dos objetivos geral e específicos. Sendo assim, após a discussão realizada nas seções, pode-se dizer que o questionamento foi respondido, bem como discutiu-se sobre a mulher enquanto usuária informacional na Ciência da Informação.

Essa relação foi possível no quesito de se pensar o usuário como aquele que receberá um tipo de serviço, sobretudo ao considerar as vertentes sociais que o inserem na gestão, tornando-o parte ou mesmo protagonista nesse processo. Tendo ele como base para potencializar esse gerenciamento de informações, pensar sobre esta figura através do conceito de gênero se demonstrou uma tarefa essencial. Isto porque, na CI, o estudo de paradigmas se dá por meio de conceitos diversos, em que aqueles que levam o usuário para o discurso social parte desse entorno teórico, reforçando o contexto no qual a pessoa está inserida e a experiência individual/coletiva na influência da apropriação da informação.

Os achados da pesquisa demonstram que essa relação é possível à medida em que se observa o usuário e o gênero como conceitos complementares para compreender como os fenômenos informacionais influenciam na vida da mulher, mas que ainda são vistos de forma dissociada. Ressalta-se, ainda, o foco na busca por pesquisas teóricas sobre o assunto, reforçadas pelos autores que trabalham com informação e gênero na CI, o que remonta para uma contribuição inicial deste trabalho, mesmo com as limitações do artigo no que diz respeito ao aprofundamento da discussão e viabilização de materiais bibliográficos.

Assim, sob o olhar da diversidade, se torna necessária a compreensão de que o ser humano é atravessado por indicadores sociodemográficos para realizar uma avaliação holística dos processos cognitivos e sociais de informação. O gênero, como uma categoria que também aponta indicadores, pode retratar a maneira como as mulheres, e outras identidades, lidam com a informação. Além disso, pode representar como um serviço é oferecido a estas pessoas e se há diferenças que podem facilitar ou dificultar essa dinâmica. Portanto, deixa-se o espaço aberto para futuras discussões acerca da temática, sobretudo porque o usuário se apresenta como um universo de possibilidades a serem investigadas e pode influenciar a GI

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

de organizações ao passo em que ele se encontra dentro e fora dessas instituições, podendo ser aquele que recebe um serviço ou que o oferta.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. A. A. O que é ciência da informação? **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 1, p. 1-30, 2014.

BARBOSA, R. R. Gestão da informação e gestão do conhecimento: evolução e conexões. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Minas Gerais, p. 168–186, 2020.

BRAGA, A. A gestão da informação. **Millenium**, Viseu, v.19, p. 1-10, 2000.

BUCKLAND, M. K. What is a “document”? **Journal of the American Society for Information Science**, [S. l.], v. 48, n. 9, p. 804-809, 1997.

BUFREM, L. S.; NASCIMENTO, B. S. A Questão do Gênero na Literatura em Ciência da Informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 199–214, 2012.

CAMPOS, I. M. S.; PAIVA, E. B. Usuário da informação como protagonista da gestão da informação e do conhecimento. **Revista Folha de Rosto**, Juazeiro do Norte, v. 7, n. 2, p. 57-78, 2021.

CAMPOS, I. M. S.; PINHO NETO, J. A. S. As diversidades e a gestão do conhecimento: uma questão inclusiva?. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2018, Marília, São Paulo. **Anais [...]**. Marília: ANCIB, 2018.

CHOO, C. W. Closing the cognitive gaps: how people process information. *In*: MARCHAND, D.; DAVENPORT, T.; DICKSON, T. (org.) **Mastering Information Management**. Harlow: FT Prentice-Hall / Pearson Education, 1998.

CIANCONI, R. **Gestão da informação na sociedade do conhecimento**. Brasília: SENAI, 1999.

CÔRTEZ, G. R. A categoria analítica gênero e movimentos feministas: diálogos na ciência da informação. **Revista Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 9, p. 1-37, 2024.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativo e misto**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DAVENPORT, T. H. **Ecologia da informação: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação**. São Paulo: Futura, 1998.

FOLLADOR, S. R. {reprograma}: gênero e tecnologia em um estudo de caso preliminar. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 1, p. 1-15, 2021.

GIFFIN, K. M. Mulher e Saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 133-134, 1991.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2017

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

GOMES, H. F. Protagonismo sócio-informacional em saúde coletiva. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 3, p.47-61, 2018.

GRUPOS de Trabalho. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. Página inicial. **Ancib**, 2025.

JARDIM, J. M. A face oculta do Leviatã: gestão da informação e transparência administrativa. **Revista do Serviço Público**, Brasília, v. 59, n. 1, p. 81-92, 1995.

KETZER, P. Como pensar uma Epistemologia Feminista? Surgimento, repercussões e problematizações. **Argumentos Revista de Filosofia**, Fortaleza, ano 9, n. 18, p. 95-106, 2017.

LOBO, T. N. L. **Gestão da informação na saúde pública sob a perspectiva feminina**. 200 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2025.

LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MONTEIRO, S. A.; DUARTE, E. N. Bases teóricas da gestão da informação: da gênese às relações interdisciplinares. **InCID**, Ribeirão Preto, Brasil, v. 9, n. 2, p. 89–106, 2018.

NUNES, A. C. N. X; WERLANG, N. B. Fundamentos da gestão da informação: origem, conceitos e características. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2023, São Cristovão, Sergipe. Anais [...].* São Cristovão: ANCIB, 2023.

OLINTO, G. Indicadores de gênero para a sociedade do Conhecimento. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 7., 2006, Marília. Anais [...].* Marília: ANCIB, 2006. 1 CD-ROM.

PEREZ, C. C. **Mulheres invisíveis: o viés dos dados em um mundo projetado para homens**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022. 400 p.

ROBBINS, S. P. JUDGE, T. A. SOBRAL, F. **Comportamento organizacional**. 14. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

SANTOS, B. R. P.; BIAGGI, C. DAMIANI, I. P. M. Perspectivas sobre a atuação da gestão da informação na área da saúde: uma análise da produção científica em âmbito nacional. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, São Paulo, v. 6, n. esp, p. 31-42, 2019.

SAVIC, D. Evolution of information resource management. **Journal of Librarianship and Information Science**, London, v. 24, n. 3, p. 127-138, Sep. 1992.

SICILIANO, M.; SOUZA, C. M.; METH, C. M. S. Sobre o que falamos quando falamos em gênero na ciência da informação?. **Informação & Informação**, Londrina, v. 22, n. 2, p. 144-165, 2017.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Rio Grande do Sul, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

STEINEROVÁ, J.; ŠUŠOL, J. Users' information behaviour - a gender perspective. **IR: Information Research**, Slovakia, v. 12, n. 3, 2007.

TARAPANOFF, K. Informação, conhecimento e inteligência em corporações: relações e complementaridade. *In*: TARAPANOFF, K. (org.) **Inteligência, informação e conhecimento [em corporações]**. Brasília: Ibict; UNESCO, 2006. 453 p.

PRIMO, N. **Gender Issues in the Information Society**. Paris: Unesco, 2003.

VALENTIM, M. L. P. Inteligência competitiva em organizações: dado, informação e conhecimento. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 3., n. 4, p. 1-12, 2002.

VIEIRA, C. M. A economia feminista e os dados: o que dizem e calam as estatísticas. *In*: TEIXEIRA, M. O.; OLIVEIRA, M.; VIEIRA, C. M. (org.). **Economia feminista no Brasil: contribuições para pensar uma nova sociedade**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2023.

WILSON, T. D. Information management. *In*: FEATHER, J.; STURGES, P. (ed.). **International Encyclopedia of Information and Library Science**. Londres: Routledg, 2002.

WILSON, T.D. Towards an information management curriculum. **Journal of information science**, [S. l.], v. 15, n. 4/5, p. 203-209, 1989.